



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **5 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quarta-feira, 20 de junho de 2012

O ESTADO DE SÃO PAULO

Brasil fecha acordo e evita risco de impasse na Rio+20 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Rio+20: Crise posterga as principais decisões da conferência 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

G-1

Jantar apresenta Bacalhau da Amazônia na Rio+20 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

VALOR

Acordo final posterga as decisões para 2015 5
VEICULAÇÃO NACIONAL

PORTAL A CRÍTICA

Buracos 'reaparecem' nas ruas do Distrito Industrial de Manaus..... 7
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil fecha acordo e evita risco de impasse na Rio+20		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Embora tímido, rascunho de documento final obtido após intensas negociações afasta pressão sobre líderes na cúpula

Após uma maratona de negociações diplomáticas em cima do rascunho da declaração final da Rio+20, a delegação brasileira costurou um acordo que parecia impossível nos últimos dois dias, facilitando a missão de anfitriã da presidente Dilma Rousseff: evitar que cúpula dos chefes de Estado e de governo, que começa hoje e vai até sexta-feira, corra o risco de naufragar em meio a um impasse em torno do documento final.

O texto aprovado por consenso por todas as delegações - exigência da Conferência das Nações Unidas sobre **Desenvolvimento** Sustentável, nome oficial da Rio+20 - , porém, não foi considerado o ideal pelas delegações. "Foi o acordo possível", resumiu o secretário-geral da Rio+20, o chinês Sha Zukang. Para as organizações não governamentais, o resultado foi um texto "fraco" e "sem ambições".


Dilma, por sua vez, comemorou o resultado como "uma grande vitória". "É difícil construir o consenso entre 17 países. Estamos vendo isso na (zona do euro da) União Europeia. Mas, nós estamos fazendo isso (chegar ao consenso) na Rio+20". O embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, negociador-

chefe do País, resumiu em poucas palavras o alívio após um intrincado processo de negociação: "O texto é estupendo".

Os europeus pressionaram por uma adesão mundial mais firme aos princípios da chamada economia verde, com reduzido impacto ambiental, mas os países mais pobres não queriam que isso representasse barreiras aos seus produtos, e os americanos trabalharam para evitar compromissos com a mudança nos padrões de consumo e **produção** para um modelo sustentável.

Ao administrar interesses tão conflitantes na declaração final, o governo brasileiro, anfitrião da conferência, abriu mão de uma definição mínima dos temas que serão tratados pelos Objetivos do **Desenvolvimento** Sustentável, que só serão conhecidos em dois anos.

O rascunho do texto final da conferência pode ser alterado, possibilidade considerada remota. Até agora, entre um resultado ambicioso e o fracasso total da Rio+20, o País trabalhou para evitar a segunda possibilidade.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Rio+20: Crise posterga as principais decisões da conferência		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Rio+20: Crise posterga as principais decisões da conferência

O documento final aprovado da Rio+20 avança pouco na agenda de **desenvolvimento** sustentável e joga para o futuro todas as decisões difíceis. Os países ricos encontraram na crise a justificativa para não se comprometerem com o fundo de dinheiro novo e adicional proposto pelas nações em **desenvolvimento**.

"Crise prova que atual modelo econômico é inviável"

Pesquisador propõe que ricos cresçam menos para poupar recursos naturais e melhorar a qualidade de vida

MARCO AURÉLIO CANÔNICO

Num mundo em crise econômica, no qual se busca obsessivamente a retomada do crescimento e sua aceleração, o economista Tim Jackson defende o exato oposto: a redução drástica do consumo e o fim do que chama de "fetichismo da produtividade".

Seu raciocínio: vivemos num modelo econômico cuja estabilidade depende do consumo contínuo e crescente, mas num planeta que não comporta mais crescimento, ao menos não como se fez até hoje. "O consumo é insustentável para o planeta e causa instabilidade econômica", afirma Jackson, em entrevista à Folha, após participar de evento paralelo à Rio+20.

Folha - Como tem sido a recepção à sua proposta de "prosperidade sem crescimento" nesses tempos de crise?

Tim Jackson - É uma questão difícil para os governos, pois a estabilidade do sistema econômico atual depende de crescimento, de consumo contínuo. Mas o que a crise mostrou é que não é possível ter estabilidade desse modo.

Estimular o crescimento indefinidamente gera **mercados** instáveis e situações muito ruins, como as da Grécia, da Espanha e de Portugal e a do meu próprio país, que adotou medidas de austeridade, punindo os mais pobres pela crise criada pelos ricos.

Mas o sr. não defende essa política para os países em **desenvolvimento**.

Não estou em posição de dizer que indianos, chineses e brasileiros não devem aspirar ao estilo de vida dos californianos. Minha mensagem é para as economias ricas que continuam a persuadir seus cidadãos a consumir.

Os países desenvolvidos precisam reconfigurar o sistema econômico, porque o crescimento material do consumo precisa ser direcionado aos países mais pobres, onde são necessárias habitação, nutrição, educação, saúde.

Como o sr. vê a retração do consumo em época de crise?

Isso mostra como esse comportamento [consumista] não é inerente às pessoas, mas algo criado pelo sistema. Nas crises, as pessoas compram menos, pensam a longo prazo. Se você olhar as estatísticas verá que o nível das poupanças veio desabando nos 15 anos anteriores à crise e, a partir dela, voltou a subir.

Essa é uma grande mudança no comportamento e leva ao que Keynes chamou de paradoxo da poupança: as pessoas tendem a poupar em tempos de recessão, o que retarda a recuperação da economia. Isso sugere que o sistema, que pensávamos ter sido construído com base no comportamento humano, no que seria a vontade natural de consumir, não está alinhado com a natureza humana.

Pessoas que consomem menos são mais felizes?

A economia atual é baseada na ideia de que consumir mais nos torna mais felizes. Mas há pessoas que rejeitaram essa lógica e são mais felizes. Por quê? Porque vivem de forma mais consistente com seus ideais. Prosperidade nunca foi simplesmente material, mas social e psicológica. Esse estilo de vida, porém, causa um conflito interno nas pessoas, porque elas são punidas. Se você deixa de usar carro, se torna um cidadão de segunda classe, porque a infraestrutura não é criada para quem quer viver de modo sustentável. Sem mudanças estruturais, não podemos esperar que as pessoas mudem rumo ao comportamento sustentável.

Qual seria sua visão para a sociedade pós-consumo?

Faz sentido que a economia pós-crescimento seja concentrada mais em serviços do que em bens. Queremos que as empresas nos deem serviços que permitam uma boa vida,

nutrição, saúde, infraestrutura, educação e lazer. Essas atividades têm impacto ambiental menor do que a **produção** de bens e empregam mais.

Devemos questionar o fetiche da produtividade: ele não faz sentido se significa dar turmas maiores para professores ou colocar médicos para atender a mais pacientes por hora. Isso é falácia.

Frase

"A economia do crescimento consiste em estimular o consumo de coisas das quais não precisamos para impressionar pessoas com quem não nos **importamos**"

TIM JACKSON

	VEÍCULO G-1	EDITORIA	
	TÍTULO Jantar apresenta Bacalhau da <u>Amazônia</u> na Rio+20		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Evento aconteceu no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

Jantar contou com a presença de ministros, deputados e artistas.

Do G1 AM

Jantar no Rio serviu Bacalhau da Amazônia


Um jantar realizado em um restaurante do bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, apresentou o Bacalhau da Amazônia, alimento típico da região, na noite da última segunda-feira (18).

O jantar contou com a presença de artistas, deputados federais, pesquisadores e cientistas, além do ministro da

Agricultura, Mendes Ribeiro Filho, do ministro coordenador-Geral de Ações Internacionais de Combate à Fome do Ministério de Relações Exteriores, a senadora Vanessa Graziotin e o Superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira.

Segundo o ministro da Agricultura, o Bacalhau da Amazônia é motivo de orgulho para o país. "O Bacalhau da Amazônia vem inovar, apresentar nova forma de gerar emprego e distribuição de riqueza e isso é ótimo", afirmou o ministro.

O evento faz parte da programação da delegação do Amazonas na Conferência Mundial de Meio Ambiente Rio+20.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Acordo final posterga as decisões para 2015		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A Rio+20 só não é um fracasso porque a expectativa em torno dos resultados da conferência sempre foram muito baixos. O **Brasil** conseguiu o que queria com o documento-base, que agora será apresentado aos chefes de Estado: evitar o retrocesso em pontos já acertados na Rio92, há 20 anos. O maior avanço, no entanto, se resume à criação de uma agenda para os próximos três anos. Mais uma vez, o sistema multilateral foi salvo. Mas a distância entre o que os governos avançaram em seu acordo de ontem, no Riocentro, e o que a ciência tem constantemente indicado que se faça, continua imensa.

O texto-base "O Futuro que Queremos" dificilmente será reaberto nos próximos dias. Tem 283 parágrafos em 49 páginas. Não entrará para a história e nem é especial. Se tem algum mérito é o de abrir alguns processos **importantes** - que só no futuro se saberá se funcionaram -, como aumentar a consciência sobre esse debate no **Brasil** e incentivar a postura sustentável dos negócios. A governança institucional do **desenvolvimento** sustentável e do ambiente, no sistema das Nações Unidas, também avançou.

Documento final apenas cria agenda para próximos anos

Por Daniela Chiaretti | Do Rio

A ministra do Ambiente, Izabella Teixeira, e o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, durante entrevista

O **Brasil** conseguiu o que queria com o documento-base da Rio+20 que agora será levado a chefes de Estado: evitar o retrocesso em pontos já acertados na Rio92, há 20 anos. O maior avanço, no entanto, se resume à criação de uma agenda para os próximos três anos. Mais uma vez, o sistema multilateral foi salvo. Mas a distância entre o que os governos avançaram em seu acordo de ontem, no Riocentro, e o que a ciência tem constantemente indicado que precisa ser feito continua imensa. A Rio+20 só não é um fracasso porque a expectativa em torno dos resultados da conferência sempre foi muito baixa.

O texto-base de "O Futuro que Queremos" dificilmente será reaberto nos próximos dias. Tem 283 parágrafos em 49 páginas. Não passará para a história e nem é especial. Se

tem algum mérito é o de abrir alguns processos **importantes** - que só no futuro se saberá se funcionaram -, aumentar a consciência desse debate no **Brasil** e incentivar a postura sustentável dos negócios. A governança institucional do **desenvolvimento** sustentável e do ambiente, no sistema das Nações Unidas, também avançou.

Depois de aceitar o texto apresentado em plenária pelo ministro das Relações Exteriores Antonio Patriota - o que levou 30 segundos, sem nenhuma objeção dos delegados de 193 países -, os negociadores começaram a elogiar o trabalho da diplomacia brasileira e a fazer seus comentários. O delegado dos Estados Unidos disse que o resultado era "balanceado", que estavam desapontados por não haver menção aos "direitos de **reprodução**" - ideia que tinha o apoio europeu mas forte objeção do Vaticano -, e satisfeitos que os Objetivos do **Desenvolvimento** Sustentável (ODS) estejam lá. Cuba disse que o resultado não era "tão negativo" e que o Princípio das Responsabilidades Comuns Porém Diferenciadas foi preservado, mas que o texto não era bom no capítulo do dinheiro - uma impressão compartilhada pelos países em **desenvolvimento**.

"Chegamos aqui com 30% do texto acordado e hoje temos um texto 100% acordado por 193 países", disse Patriota ao término da plenária. "Foi uma vitória do multilateralismo." Sem dúvida. Só que o **Brasil** ficou sempre na defensiva e, na prática, a Rio+20 apenas cria grupos de trabalho para que planejem o **desenvolvimento** sustentável nos próximos dois anos. Decisões concretas, com metas e objetivos, não saíram do Riocentro.

Em oceanos o **Brasil** teve sua maior derrota. A proposta defendida pelo **Brasil** e pela Europa, entre outros países, era que a Rio+20 abrisse um processo para a criação de um mecanismo legal que protegesse os oceanos em áreas de alto mar e também regulamentasse a exploração da biodiversidade em regiões fora das jurisdições nacionais. A proposta, no entanto, enfrentou resistência dos EUA, Canadá, Japão, Rússia e Venezuela.

Tentava-se proteger dois terços do planeta que estão sem cuidados e avançar em um debate que já acontece há seis anos. "O alto-mar não pertence a nenhum país e pertence

a todos", disse Matthew Gianni, co-fundador da Deep See Conservation Coalition. Depois da Rio+20, o alto-mar continuará desprotegido. "Perdemos uma oportunidade histórica no Rio", concluiu. Alguma decisão nessa área, se acontecer, foi postergada para até setembro de 2016.

Os Objetivos de **Desenvolvimento** Sustentável foram reconhecidos como uma necessidade. Uma comissão formada por representantes dos países irá definir algo, se tudo der certo, até 2014. Não se sabe em que áreas - não se sabe se em oceanos, água, energia, cidades. Isso ficou para depois. "Mas é uma ideia muito nova, que existe há apenas um ano e tem que amadurecer", destacou o chefe dos negociadores brasileiros, embaixador André Corrêa do Lago.


No capítulo de recursos, voltou-se a se falar no compromisso de os países ricos de dedicarem 0,7% de seu Produto Interno Bruto à ajuda internacional. Essa proposta já existe desde 1992, mas nunca foi completamente cumprida. O comissário europeu Janez Potocnik disse que a Europa tem destinado 0,4% de seu **PIB**. Em entrevista, ele lembrou que esses recursos representavam US\$ 53 bilhões em 1992 e dez vezes mais - US\$ 547 bilhões - em 2010. No período, o mundo em **desenvolvimento** tinha uma fatia de 8% do **PIB** mundial, que em 2010 saltou para 35%. "Mas isso não é bem distribuído, por isso nos preocupamos em que esses recursos cheguem aos países mais pobres do mundo", explicou. Dinheiro novo, evidentemente, não há.

Na madrugada de terça, Potocnik havia demonstrado seu descontentamento com a falta de ambição do rumo das negociações e a pressa do **Brasil** em fechar o texto antes da chegada dos chefes de Estado. "Não é o tempo que nos move. Achamos que o conteúdo é que é **importante**", disse. "O ministro Patriota teve uma reunião com os europeus, que estavam pegando muito duro", conta uma fonte. "Para eles é fundamental voltar aos seus países dizendo que a União Europeia buscou maior ambição na Rio+20. Nós entendemos."

A definição de economia verde teve que ser ajustada para satisfazer União Europeia e Estados Unidos, de um lado, e tirar os temores de países em **desenvolvimento**. Os Estados Unidos exigiram cuidado com todos os termos que envolvem transferência de tecnologia. A China queria a manutenção, no texto, dos Princípios das Responsabilidades Comuns Porém Diferenciadas, que existe há 20 anos, é um conceito implantado nas negociações de clima e garante que os países ricos têm que fazer mais, dar mais dinheiro e se esforçar mais que os outros.

A governança institucional foi vista como um avanço pelos delegados, mesmo se o Pnuma, o braço ambiental da ONU, que é apenas um programa há 40 anos, não tenha se tornado uma agência, como queriam europeus e africanos. Mas seu poder de fogo, influência e autonomia foi ampliado. Também se criou um Fórum de alto nível sobre **desenvolvimento** sustentável, nas Nações Unidas, para tentar coordenar estas políticas e decisões. Outro ponto **importante** do documento foi reconhecer, no segundo parágrafo, que a erradicação da pobreza é o grande desafio global que o mundo enfrenta hoje.

A reação das ONGs, que já haviam sinalizado que o texto da Rio+20 não tinha nenhuma - ou pouca - ambição, veio dura. Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace International disse que "o futuro que queremos ficou um pouco mais longe hoje". E avaliou: "A Rio+20 virou um fracasso épico. Falhou na equidade social, falhou na ecologia e falhou na economia." Para Carlos Rittl, coordenador do WWF na Rio+20, ""O Futuro que Queremos" não foi definido claramente e fica no processo que, esperamos, siga acontecendo."

	VEÍCULO PORTAL A CRÍTICA	EDITORIA	
	TÍTULO Buracos 'reaparecem' nas ruas do <u>Distrito Industrial de Manaus</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Secretaria da Região Metropolitana realizou operação tapa-buracos na área, mas as 'crateras' estão de volta às pistas

Manaus, 20 de Junho de 2012

Investimento do governo não foi suficiente para acabar com os buracos no DI (Odair Leal)

Apesar do investimento de R\$ 6,8 milhões na recuperação de trechos esburacados de 28 ruas do **Distrito Industrial** de **Manaus** (DI), aplicados até a semana passada pelo Governo do **Amazonas**, os motoristas continuam reclamando da malha viária da região.

Algumas vias, como a avenida Buriti – principal acesso o **Pólo Industrial** – apresentam grandes buracos. Com a chuva, os motoristas tendem a não ver a cavidade e podem provocar acidentes para si e para os demais condutores que trafegam pela área.

“Não sei como esse pessoal tem coragem de dizer que essa rua foi recuperada, porque um buraco como esse não dá para esconder. Se foi recuperado, esse asfalto não vale de nada, já está todo esburacado. Foi muito malfeito”, disse o mototaxista Washington Duarte.

O motorista de ônibus Luis Rodrigues, que trabalha na condução dos funcionários de uma fábrica do DI, viu pouca diferença na recuperação das vias. “Uma parte pode até ter sido resolvida, mas a maioria não resolveu”, disse o motorista.

Os donos de carro de passeio reclamam sobre a constância de problemas que vem tendo com os veículos em função dos buracos do DI.

“Eu passo por aqui todo dia para trabalhar e tenho que ficar fazendo ziguezague na rua para desviar dos buracos. E, além do estrago no carro, corro risco de ser atingida por um dos ônibus que, mesmo com os buracos, passam em alta velocidade, podendo bater os carros. Algumas ruas, eu vi que tiveram o recapeamento dos buracos. Mas, a maioria ainda tem muito buraco, mesmo”, disse a secretária-executiva Daniela Gomes Saldanha.

Os técnicos que trabalharam na operação para a SRMM garantiram que o material utilizado era de alta qualidade e ideal para realizar o mecadame, procedimento que cava uma gaveta em torno do buraco e a forra com asfalto, cobrindo com uma camada de pedra e mais outra de asfalto.

Tapa-buracos em 28 vias do distrito

O governo informa que foram recuperadas as avenidas Autaz Mirim, Buriti I, Buriti II, Eixo Norte Sul, Grande Circular II, Oitis, parte da BR-319, estrada do Puraquequara e ruas Abiurana, Açaí, Acará Aruanã, Balata, Danilo Areosa, Ibxoco, Içá, Ipê, Itaúba, Javari, Mandi, Matrinxã e outras.